

Aula sai da sala e vai para a passarela

Professor de Literatura de Samambaia faz alunos organizarem desfile de moda para enriquecer lições sobre o Modernismo

Ana Lúcia Moura
Especial para o Correio

Cristiane Ferreira Mota, 20 anos, nunca sonhou em ser modelo, mas estava tão ansiosa com sua estréia na passarela que foi uma das primeiras a chegar no Centro de Ensino 411 de Samambaia. E ficou pronta uma hora antes de começar o desfile, organizado em uma das salas de aula da escola, na QR 411.

Rápida e empolgada, ajudou as meninas a vestir as roupas, arrumar os cabelos e preparar a maquiagem. Entre um e outro ajuste, saía pelos corredores com uma bermuda estampada nas mãos, procurando pelo marido, Demetrius Brito Cunha, 18 anos. Temia que ele não ficasse pronto antes do início do desfile. Mas ele estava tranqüilo, mesmo não sendo aluno da escola e tendo decidido desfilar apenas para estimular Cristiane.

A sala de aula, decorada com quadros de pintores famosos, fotografias e retalhos coloridos no chão, estava cheia. Muitos convidados ficaram do lado de fora. Eram mães, tios, primos, amigos e até filhos dos modelos, que se aglomeraram para ver o espetáculo.

Apesar da correria, tudo saiu conforme o previsto. Cristiane, Demetrius e mais 22 alunos do 3º ano supletivo do 2º grau do colégio entraram na passarela às 20h de terça-feira. No corpo, exibiam modelos de roupas em algodão cru — criados, desenhados, recortados, costurados e bordados por eles mesmos, a partir de quadros de pintores brasileiros famosos como Alfredo Volpi, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Cândido Portinari.

Uma ótima alternativa para o professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira João César Jost, 36 anos, mostrar que nem só de quadro e giz se fazem bons alunos. A idéia de montar um desfile em Samambaia surgiu quando ele visitou a Bienal de Artes de São Paulo deste ano, que tem como tema a Antropofagia — movimento cultural, artístico e literário do Modernismo do início do século, encabeçado pelo escritor Oswald de Andrade.

Motivado pelo currículo escolar, o professor decidiu incorporar o tema da exposição às aulas de Modernismo Brasileiro. Divididos em grupos de três, os alunos passaram dois meses estudando a vida e a obra de cada um dos pintores do movimento. E não perderam uma só aula do professor João César,

apesar de a frequência no colégio não ser obrigatória.

Na biblioteca da escola, os estudantes dedicaram algumas horas por dia a pesquisas sobre os artistas antes de se aventurarem nos primeiros traços dos desenhos. E mesmo aqueles que não têm habilidade em trabalhos artísticos e nem muito tempo disponível — a maioria trabalha o dia todo — enfrentaram o desafio. Isso sem contar a maratona de ensaios duas semanas antes do desfile. “O trabalho é uma forma de ampliar o conhecimento, desenvolver a auto-estima e estimular a sensibilidade estética dos alunos”, assegura João César.

A iniciativa fez tanto sucesso, que mobilizou não só o professor e seus alunos: contagiou outros educadores do Centro de Ensino 411. A professora de Educação Artística Maria Francisca Breve, 30 anos, ajudou os alunos a produzir os desenhos e costurar as mais de 20 roupas.

Terezinha Buhner, professora de Religião e bibliotecária da escola, pintou as estampas de algumas roupas. Ricardo Costa, 30 anos, professor de Matemática e coordenador do turno noturno, entrou na passarela mostrando um dos modelos criados por João César — uma calça e um colete brancos, bordados em azul e verde.

Mas não foi fácil trabalhar com os alunos. Quando João César propôs o tema, eles não levaram muito a sério. “A maioria achou que era loucura tentar criar um desfile, mas começamos a perceber aos poucos o artista que existe dentro de cada um”, conta Marco Aurélio Nascimento Dias, 23 anos, que desfilou exibindo um modelo inspirado nas obras do pintor Ismael Nery.

Segundo João César, o desfile é também uma forma de desmistificar a idéia de que é preciso ter muito dinheiro para ser elegante. Cada grupo de três alunos gastou aproximadamente R\$ 45 com todos os materiais, incluindo tecidos, tintas, enfeites e papéis.

Aqueles que não puderam investir nem mesmo essa quantia utilizaram outros recursos. Sarah Rodrigues da Silva, 20 anos, pegou uma colcha da mãe e produziu um vestido longo, com estampas criadas a partir de obras do artista Tomas Santa Rosa. Quem criou o modelo e fez o desenho foi a amiga e integrante do grupo Jaqueline Rita da Conceição, 19 anos. “O trabalho exigiu muito tempo, paciência e dedicação, mas foi uma grande conquista”, avalia Jaqueline.